

A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezess para a côrte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Na. avulsos, 450 rs.

A MARMOTA.

O dever da mocidade.

É o trabalho que, arrancando o homem da impureza de sua raça animal, o avistinha do throno de Deos, e ahi o prende como o ultimo anel da cadeia da criação.

S. ARRAÍO.

Diligencia, industria e bom emprego do tempo são os primeiros deveres da mocidade. A primeira virtude é a applicação continua, e a segunda é que esta applicação se dirija ao bem.

Os nossos naturaes ou adquiridos talentos serão inúteis sem a possa actividade para desenvolvê-os.

Em quanto somos moços obtemos facilmente o habito industrioso e os estímulos do dever, da ambição, da esperanza e de todas as perspectivas que offerece o começo da vida.

A industria não só é o instrumento do progresso, mas tambem a base de todo o prazer; pois nada é tão opposto á verdadeira alegria da vida, como o relaxado e fraco estado de um espirito indolente. Quem não for industrioso poderá possuir; mas o prazer do gozo lhe será desconhecido: é somente o trabalho que dá gosto ao prazer.

É de condição indispensavel que possuamos uma alma pura n'um corpo são; e a preguiça é incompativel com ambas estas cousas, ou porque é vagarosa em resolver-se, ou porque é inimiga da virtude, da felicidade e da saude. Inactiva, como é em si mesma, seus effeitos são poderosamente fataes: na

POLYPTON.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PELA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

— Narcisa! disse o moço com voz commovida, nossos destinos estão ligados, porque o Deos que me ensinaste a amar, nos unio pelos laços do coração: teus irmãos perderam sobre nós o seu poder; jamais, jamais nos poderão separar.

Viveremos sempre juntos; quando a ambição nos queira desunir, haremos procurar um paiz hospitaleiro que nos acolha em seu seio. Sou joven, tenho forças e o meu amor vencerá os obstaculos que se entremetterem na nossa ventura.

sua inacção solapa tudo o que é festavel e florescente. É semelhante á agua, que primeiramente se corrompe pela estagnação, e depois se ergue em noivos vapores derramando a morte pela atmosphera.

Nenhuma influencia de fortuna ou elevação de classe isenta o homem dos deveres da applicação e da industria: ella é exigida pela lei de nosso ser; e a natureza, a razão, o Deos a reclamam da creatura. Fugamos, portanto, da preguiça, como mãe do crime e da ruina.

Como preguiça pôde considerar-se não somente a inacção, como todas as mesquinhas e frivolas occupações, em que muitos gastam sua mocidade.

A mocidade necessita de divertimentos: seria inutil e cruel prohibir-lh'os; mas convém não abusar delles; porque, se não forem usados com parcimonia, tornam-se ladrões do tempo e inimigos da alma: fomentam paixões damnosas, aniquilam os mais valentes, e sepultam o vigor juvenil n'uma perigosissima moleza.

R.

POR UM CHARUTO

Novella

POR

LESTOURGIE.

No castello do Moirans havia grande renião. As velhas salas gothicas estavam esplendidamente illuminadas, e as armaduras dos cavalleiros, dependuradas por cima dos

A' força de trabalho, farei prover a todas as tuas necessidades. Não soffrerás a menor privação, porque não quererei, não terás saudades das riquezas que deixares.

— Oh! não temas, eu muito agradeço as tuas ternas sollicitudes. Serei tambem muito venturosa fazendo a tua felicidade. Mas entrarei d'algum modo em tus projectos, serei tua cõmplice. Limitarei as minhas necessidades ás tuas possibilidades, e dar-te-hei uma prova de que as riquezas não me prendem tanto, como o pènas.

Ahi é summamente agradavel o tratarmos de nosso futuro; porém apenas me lembro de meus irmãos, o sangue gela-se-me! .

— Não te lembres delles: não estais comigo?

— Sim, mas é por tua propria segurança que eu tremo. Devemos tratar seriamente dos meios de evitar esse esamento tyranico a que me querem fôrçar: quaes são os teus recursos para impedil-o?

— Meu Deos! já me não lembrava do teu casamento! Sim, é verdade; eu te disse que

retratos das pessoas da familia, reluziam aos raios despedidos dos lustres. Muito tempo havia que os veneraveis antepassados não presenciavam, do alto de seus quadros empocirados, uma festa tão brilhante.

A marquezia de Moirans era uma mulher de sessenta annos, cuja viuvez de quinze annos passára reclusa, não se occupando senão em prodigalizar aos pobres o óbolo de caridade e no doce entretenimento que os livros santos offerecem a quem devotamente a elles se entrega bebendo a consolação religiosa. A marquezia em sua mocidade não deixou de amar o mundo; ahi ella tinha brillado com inveja e de uma maneira que por modo algum se poderia riscar da lembrança dos que a conhecêram; mas a idade e o luto, sem fallar nas commoções politicas que trouxeram a dynastia dos Bourbons, tinham vindo bater-lhe á porta, e imposto a solidão como uma necessidade e um dever. Hoje, porém, a marquezia reabria seus salões, porque seu filho mais velho acabava de chegar de Paris, onde completára seus estudos por uma notavel assiduidade no circo de Spart e nas corridas do Jockey-Club, e como boa mãe lhe preparava uma recepção digna delle e do castello que tantas vezes gemera ao peso dos ruidosos prazeres e para o que tinha convidado a melhor sociedade dos arrabaldes.

Posto que de raça antiquaria e activa da illustração de seu nome, a marquezia sabia ser do seu seculo. Ella não julgava indispensavel um titulo exhibido para ter entrada em sua casa; a aristocracia de coração e de espirito era uma recommendação sufficiente. Demais, Alexio tinha as mesmas idéas, pois

sabia que elle se fazia brevemente; pois não! Todavia, é celebre o que ha poucos momentos eu cria, e nessa certeza tragava sorvos mortaes, agora lembro-me como uma idéa remota que se apaga facilmente em meu espirito e me abate até a desgraça! tuas palavras magicas me reanimaram, fizeram-me outro homem. Deixa-me por tanto somente fallar da minha felicidade, embriagar-me com a minha ventural..

— Querido Leonardol consagremos entretanto alguns momentos a consolidar o edificio da nossa futura felicidade. Para mim será bem agradavel ser dirigida pelos teus conselhos.

— Descança; a conducta de teus irmãos guiará a minha; o essencial é mostrar ignorancia de suas intenções, e deixar correr o tempo.

— O mais essencial tambem, meu amigo, é não deixares nada a perceber de teus novos sentimentos para comigo; não prderias escapar á colera de minha familia se elles viessem a descobrir teus sentimentos a meu respeito. Quando me entrego á idéa deliciosa

frequentára em Paris os litteratos e artistas. Era um encantador manco. Mas como elle não tem de representar um papel muito importante nesta novella, terminarei aqui minhas apreciações a seu respeito.

Entre os convidados, o que parecia ter mais alto gráo de intimidade no castello, era um bom velho aferrado ao gosto do seculo passado, com calções curtos e rabixo apolviado. Chamavam-o o Sr. cavalleiro; mais do que isto não adiantei. Seu rosto fino e leal me tocou desde logo e sua conversação me encantou.

Para mim, que só ao acaso devia o favor de ser admittido em casa da marquezia, era um precioso encontro. O cavalleiro me entreteve com aneddotas, lembranças felizes, ditos chistosos e citações picantes. Elle tinha conhecido Suard, Necker, Fontanes e muitos outros homens distinctos de sua época. Fallava com assento, espirito e dignidade. A' cêa achei-me collocado á sua illharga, e aproveitei-o largamente.

Depois della finda fomos para o salão e a conversa tomou seu caminho.

Ao cabo de cinco minutos um criado grave veio prevenir ao Sr. Aleixo que o chamavam. Elle desculpou-se e sahio. O recebedor geral, que tinha uma palavra a dizer-lhe, acompanhou-o.

Como elles tardassem em voltar, Affonso e Julio, primos de Aleixo, se aproximaram da Sra. de Moirans e lhe disseram que iam buscar seu filho. O doutor buscou um outro pretexto para ir reunir-se a elles. Em breve tempo, junto da Sra. de Moirans e de seus graciosos convidados, não se observava senão algumas cabeças encaecadas e os meus bigodes louros.

O cavalleiro que, a cada sahida destes senhores, se sorrija maliciosamente, ergueuse e encostando-se á chaminé:

— Minhas senhoras, disse: quereis permittir-me que vos conte uma historia?

— Com todo o gosto.

— Comprehendeis tão bem como eu o que estes cavalheiros foram fazer no terraço... Pois bem, vamo-nos vingar de sua ausencia rindo-nos um pouco á custa dos fumantes.

— E dos avaliadores? disse a Sr. Moirans.

— Oh! os avaliadores é cousa bem diferente, replicou o cavalleiro.

E tirando de seu collete de seda uma bo-

dô que nos uniremos um dia, esqueço que estou á mercê da feroz vontade de meu irmão, e que jamais elle consentiria em nosso casamento.

— Nós nos amamos, minha bella Narcisa, tornou o manco tomando com ternura as mãos da moça, e o nosso amor nos fará triumphar da força... Tenho fé, quero que a compartilhes.

— Teus razão. Todavia não sei que tristeza me abate, quando penso na desgraça que está suspensa sobre nossas cabeças; meu socêgo voltará quando este casamento estiver inteiramente desfeito.

— Meu plano é este: farci por desviar o meu consentimento sem deixar perceber que nenhum alheio sentimento se entremette na minha recusa; a tua segurança me dará coragem, e occultar-me-hei quanto possa do coronel. Entretanto, meu amigo, tenho-te feito muito fallar; achas-te quasi restabelecido, porém estás ainda fraco; tua mãe não approvaria o nosso colloquio; temo que prolongando minha visita tenha de deixar um doente; por isso me despeço: — adeos.

nita boceta de ouro, apresentou-a á roda, dizendo:

— As senhoras usam?

Tomou uma pitada, e, sacudindo com o lenço o pó disperso por sobre suas côxas, reflectio um instante o começo sua historia:

— Eu poderia, minhas senhoras, tomando ares de grande sabio, fazer-vos, com mais ou menos citações, a monographia desta planta extraordinaria, conhecida pelo nome de nicotiana, herba do grande prior, herba da rainha, herba de Santa Cruz, etc., que no Brasil se chama fumo, e que nós temos chamado tabaco, de Tabago, uma das Antilhas, onde os hespanhoes a descobriam.

— Deixemos de mostrar erudição! exclamou a marquezia.

— Tenho de memoria... porque li isto esta manhã. Mas voltemos á nossa historia. Ah! quero vos dizer ainda que Amarat IV, sultão dos Turcos, o czar Miguel Fedorowitiz, e alguns outros soberanos não menos graciosos, tem prohibido o seu uso sob pena de ser cortado o nariz áquelle de seus subditos que o tomarem... Aqui, não posso deixar do reconhecer os beneficios do regimem constitucional.

A esta reflexão politica, o cavalleiro saboreou uma longa pitada.

— Mas follemos da nossos fumantes. Era uma vez um dia... Safal não ha já muito tempo... Houve no anno passado, nos arredores de Bordeaux, um velho coronel que fumava vinte e cinco charutos por dia. Sejam mais franco: o coronel tinha começado por ser soldado e, não sei mesmo como vos dizer a causa... eu creio, Deos me perdoe... elle mascava.

— Horror!

— Mascava, minhas senhoras!... mas nos seus ultimos dias o digno homem deixando a espada pelas chinellas, casou-se. Sua mulher de muito mais idade que elle, nunca conheceu o máo habito cuja revelação vos acabo de fazer. O coronel teve força para renunciar a este vicio; sacrificou mesmo o velho companheiro de suas guerras, e se pôz a fumar como um moço bello de nossos dias. Mas os maldizentes dizem que elle, fingindo fumar, mastigava o charuto e assim enganava a todos.

— Mascarl!... oh! que horrivel palavra e sobretudo que feia cousa! (Continua.)

— Oh! não falles assim: não me fujas; pois não vês que é de ti, de tuas palavras de tua vista que me vem a vida? como podes pensar que tua presença me faça mal, se é a ella que eu devo as minhas forças?..

— Bom Leonardo, socega, ahí vem tua mãe: eu te prometto não estar muito tempo longe de ti; por agora deixa-me sahir: adeos...

E a moça sahio do quarto do doente, levando no coração uma alegria desconhecida. Sua alma estava cheia, e ella tinha necessidade de estar só, para livremente se entregar ao enlevo de ser amada.

Oh! quanto lhe foi grata essa solidão, dando ouvidos ao arruideo que fazia o seu amor em seu coração!.. A sua alma se entregava sem constrangimento a essas deliciosas sensações, que inundavam-a de prazeres celestes.

Tudo se retraçava em seu espirito tomando um novo encanto. As palavras de fogo que sahiram da boca desso joven de tão notavel belleza, abalavam-lhe ainda agora o coração, como se as estivesse ouvindo! As

TARDES DE UM PINTOR

OU

INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924).

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

Os meus leitores bem viram quaes foram as dolorosas scenas passadas em casa de Agostinho, e de Paulo logo depois do ferimento. Bem diferente era a que se passava em casa de Leoncio, entre este, o padre Roberto, e Ligeiro.

O ferimento do Leoncio era em um braço, e leve por demais. Os tres personagens retirados ao lugar mais reservado da casa, que era um sotão esvasiavam velhas garrafas de generoso vinho do Porto com algumas rodajas de pão, e nacas do presunto; a festa era entre poucos, mas alegre, mas animada era ella em fim, uma completa bacchanal, com todos os ritos de uma orgia Ligeiro era o rei da festa, o general vencedor, o que recebia os applausos, o vencedor victoriado em dia de triumpho!

— Ligeiro: (dizia o Padre), és um heroe, um bravo, um homem insigne! vales o quanto pesas!

— Sim, senhor, sim, senhor... (respondia Ligeiro) hoje sou heroe, sou um bravo, um homem insigne; valho o quanto peso e serei tudo porque sei-me bem de uma empresa... por Deos, que se me sabisse mal, seria um covarde, uma peste, e um diabo: que diz, meu padre, não é assim?

— O' Ligeiro não digas tal.

— Anda lá, velhaco, (dizia o licenciado) anda lá, que tiveste a minha vida em tuas mãos! Por minha fé, que sangras muito melhor que qualquer cirurgião do hospital de S. José! tens a mão subtilmente delicada. Deixa estar, meu velhaqueta, que te hei de recompensar melhor do que tu pensas.

— Sim, senhor; como esses velhações desses ricos costumam, que em quanto precisam do nosso prestimo nos dão beijos, e

suas recordações guardavam fielmente o menor de seus gestos, as negligentes posições de seu corpo encantador para com profusão encheram-lhe a mente. Ella era feliz, muito feliz, e tudo quanto a cercava participava nesse momento de toda a sua felicidade.

Que alvorço tinha no coraço!.. Toda a natureza se havia revestido de novo brilho; o sol parecia mais brilhante, o dia mais claro e alegre e mo um dia de festa, e a moça começou a reparar com mais interesse na belleza dos sitios que até alli tinha prezado sem admiral-os.

— Oh emoção do nosso primeiro dia de amor! Tudo neste mundo pôde ser riscado da lembrança; mas vós guardadas fieis no coração da mulher sensível com traços indoleveis! Amor, nobre o sublime sentimento para que hão de os vicios grosseiros da sociedade manchar-te com habito asqueroso, e suplantiar o teu poder! tu só, conservando-te puro, elevas o coração que te abriga ao maior ponto de sublimidade!..

(Continua.)

abraços; mas apenas se acham servidos, dão-nos pontapés, e põem-nos no meio da rua.

— Não digas isso, Ligeiro, (dizia o padre) d'agora em diante tua vida, e tua felicidade; ficam por nossa conta.

Com estes, e outros dizeiros se entretinham os tres personagens, até que esquentados pelo vinho se recolheram, e dormiram até o seguinte dia.

Sabem já os nossos leitores que o processo de Julianno está começado; entretanto, forçado elle por seu tio, tirou carta de seguro, porque Julianno o não queria fazer, dizendo que isso só cabia aos criminosos.

Agostinho por seu modo pollido, e dolido, por favores que á muita gente fazia, riquezas, etc, era; na colonia portugueza d'America, o personagem mais notavel, e mais saliente depois do vice-rei; era um destes immensos colossos, cujas dimensões não é possível abranger-se de um só lançar do olhos, ou antes era como o generoso leão, cujas iras se não affronta impunemente! E já por amor ao sobrinho, e já por capricho seria capaz de sacrificar toda a sua fortuna! Entretanto Agostinho conhecia bem os caracteres de Roberto, e de Leoncio; e Julianno t-ve o cuidado de revelar a seu tio, e ao padre Jeronymo seu irmão todo o attentado do padre Roberto, mostrando-lhes a declaração de D. Estevão de las Cruzes, o qual fôra obrigado a fazer pelas ameaças de Justo em casa deste, como já sabe o leitor. Cumpre advertir, que Julianno rogou a seu tio, e a seu irmão, o maior segredo possível a este respeito, para poder, mais tarde, perder de uma vez ao padre Roberto. Sobre Leoncio porém Julianno dice ingenuamente que nada sabia. Quanto a Roberto, acrescentou elle:

— Seja qual for, elle tem algum plano a respeito de Clara.

Em seguida o joven relatou todas as conversas de Paulo com Clara. Assim ficaram os dous um tanto orientados.

Seguindo-se o processo, juraram as testemunhas que viram Julianno entrar em casa de Paulo, e declararam como ia elle vestido; que pouco depois entraram o jesuita Roberto, e o licenciado Leoncio, e que Julianno sahira, e se encaminhara para o lado do largo de palacio; mas que pouco depois voltára elle, ou outro que com elle se parecia, vestido do mesmo modo, e que parára á porta de Paulo; que ao sair o licenciado este sujeito lançara-se a elle, e o forira, e que então o licenciado gritara que Julianno, sobrinho de Agostinho, o matava! Algumas testemunhas acrescentavam, que o aggressor muito do proposito não quiz matar ao offendido. Todas estas testemunhas foram contestes. Parece entretanto, que o Juiz, e o escrivão estavam do lado de Julirno, porque apertavam muito as testemunhas, e declaravam sempre estas, que não juravam que o aggressor fosse Julianno, mas que era um homem vestido como elle; e por ultimo diziam que Julianno era incapaz de um tal feito. Todavia, isto era bastante para perder um homem n'aquelle tempo: em fim, o negocio era complicado, e Leoncio accusava Julianno com todo o encarniçamento. Pela parte da justiça o negocio iria bem, mas Leoncio não queria ceder.

Era então governador o muito conhecido Gomes Freire de Andrada, que foi depois conde de Bobadella; amigo este de Agostinho, affeiçãoado a Julianno, pouco inclinado aos Jesuitas, começou a tomar parte no negocio: mas querendo fazer as cousas com

geito, fallou a Leoncio para desistir do processo; depois de muitas recusas, e considerações, propoz Leoncio que desistiria sabindo Julianno do Rio-de-Janeiro. Julianno não deixava de ter essa vontade, e acreditou que casado com Clara, a legitima que tinha de receber por parte da mãe de sua mulher lhe era sufficiente para estabelecer-se n'outra qualquer parte do Brasil.

Assim pois, quando Gomes Freire propoz a Agostinho a sahida do Julianno do Rio de Janeiro, achou da parte deste honrado velho uma opposição formal, dizendo que isso era um triumpho para seus inimigos, mas elle veio a consentir, uma vez que fosse casado com Clara; porque sendo ella a causa de tudo, como pensava Julianno, era um completo triumpho.

Firme neste proposito, botou-se Julianno a fallar com Paulo. Este pediu-lhe que voltasse no outro dia, para dar-lhe a resposta.

Por este tempo era a cidade do Rio de Janeiro uma especie de trem de guerra, e tudo eram preparativos bellicos para uma pequena expedição para Missões, que segundo as ordens da Côte seria commandada pelo mesmo Gomes Freire de Andrade.

(Continúa.)

Adelia.

Tu pediste, oh amada,
Um canto, em que engolhad!
Eu mostro a minh'alma em ti;
Adelia! não pesses cantos,
Que se pinto os teus encantos,
Fico todo em frenezil!

Que valem meus tristes versos,
Se eu vejo elles immersos
Em profunda, immensa dôr?
O que val cantar-te as graças,
Quando nellas ha desgraças
Nascidas de um triste amor!

Adelia! teço-te um canto
Cheio só de dôr e pranto,
Da mais tristonha afflicção;
Canto triste e mui sentido,
De um peito de amor perdido,
De um perdido coração!

Um cantol vem, pobre lyra!
A um amante que delira
Vem dar engenho e vigor:
Vem lembrar ao pobre amante,
Que sua bella é constante,
Recompensa o seu amor!

És bella como a assuecna!
Tua linda côr morena,
N'outro rosto inda não vi;
Linda côr de labios bellos,
Que basta somente vê-los
Para amor notar em si!

Olhos pretos e brillantes,
Olhos bellos, radiantes,
Da mais bella negra côr!
Quer abertos, quer fechados,
Teos olhos dão mil cuidados,
Dão ao peito um forte amor.

Adelia! poupa meus cantos!
Que pintar tantos encantos
Não pode ser dado a mim;
Bella Adelia! o meu tormento
E' de ver teu fero intento
Me negando um breve — sim. —

Eis meu canto! eis os meus versos!
Deixa-os, Adelia! dispersos,
Não olhes, deixa-os marchar!
Os versos são meigas flores,
Que perdem seus resplendores,
Com muito sol, muito olhar.

M. A. Peixoto Calazans.

O Retrato.

Vou descrever o retrato
Da cecem minha adorada;
Por quem tudo eu soffrerei
Nesta vida amargurada.

São tantos seus attractivos,
Que mesmo nem sei dizer;
Parece um Anjo sómente,
Que quer-me a seus pés render.

Boca engraçada, pequena,
Da purpura toda de côr;
Rosto redondo, olhos pretos
Celestes, dizem Amor!..

Supercilios bem traçados
Lhe doou a Mão divina;
Rosadas faces, e bellas,
De cutis pura e mui fina!

Venusto corpo e gentil,
D'uma altura regular;
Tudo é nella formosura,
Graça e belleza sem par.

Ao solio puro me eleva
Seu bello andar magestoso;
Fico em deliquios de amor
Só por vê-lo, oh! tão formoso!..

São tantos seus attractivos,
Qu'eu mesmo nem sei dizer;
Parece um Anjo, um encanto,
Que quer matar-me e prender.

1.º de Maio de 1857.

Campos Fluminense.

MAXIMAS

da collecção do ermitão portuguez e conselheiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

Homens.

— Os homens, como as aves, deixam-se sempre prender nos mesmos laços.

— Cuda homem, tendo uma vocação especial, como uma physionomia particular, perde muito do seu valor, ou talvez tudo, sendo empregado fóra da sua esphera, ou contra as suas propensões.

— Convém usar dos homens, como elles são; e das circumstancias como ellas occorrem.

— Ha homens para nada, muitos para pouco, alguns para muito, nenhum para tudo.

— Os homens são como as moedas; é necessario tomal-as pelo seu valor, qualquer que seja o seu cunho.

— Não se deve julgar do merecimento de um homem por suas grandes qualidades, mas pelo uso que faz dellas.

— Um bom homem e um homem de bem, não são a mesma cousa.

— O homem nasce, vive e morre na escravidão.

— Os homens são como os animaes; os grandes comem os pequenos, e os pequenos não perdem occasião de picar nos grandes.

Ensaíos epigrammaticos e satyricos.

X **Eu choro!**

(NO ALBUM DE UM AMIGO INTIMO.)

Em quanto alguns vates, coitados, pranteiam
A perda da amante cruel, fementida,
E, quæes uns malucos, nos dão como nova,
—Traição feminina — que é cousa sabida...

Eu choro por ver
Que minha querida,
Em feia armação,
Passeia nas ruas
De saia balão!

Em quanto soberbos, distinctos heroes
Amigos da patria, por ella morrendo,
Pranteiam não terem emprego rendoso
Dos taes que, deitado, só vive comendo;

Eu choro, porque
Parece-me, londo
Milhares de notas,
Que a patria periga
Com taes patriotas!

Em quanto as donzellas que contam dez lustros
Sem terem achado marido a seu gosto,
Pranteiam a vida da gente casada,
Mostrando por ella solemne desgosto;

Eu choro não ver
Macaco disposto
A ir p'ra o altar...
E as tias gritando:
—Queremos casar!

Em quanto alguns homens amigos dos contos
Por las ou por nefas querendo riqueza,
Pranteiam o preço tão alto de tudo,
E vão traficando, fazendo esperteza;

Eu choro não vê-los,
Não chamem crueza
O que me consome,
Não vê-los, repito,
Morrendo de fome.

Em quanto valentes, ufanos soldados
Da patria, que folga nos risos da paz,
Pranteiam não terem guerreiros conflictos,
Querendo na pugna mostrar o seu gaz;

Eu choro por ver,
Pensar de rapaz,
Da guerra os morrões...
Pois esses valentes
Seriam poltrões.

Em quanto alguns sabios daquelles que vivem
No vasto terreno chamado Brasil,
Pranteiam que a imprensa tão cara nos seja,
Senão... nos dariam volumes aos mil;

Eu choro que a imprensa
Não custe um scitil...
Que os sabios portentos
Talvez publicassem
Asneiras aos centos!

Em quanto algum moço chegado de França,
Fallando uma lingua, se é lingua o que diz,
Pranteia que falte, nas cousas da terra,
Nuances das cousas que viu em Paris;

Eu choro que o moço,
Que a patria maldiz,
Viessa p'ra cá:
Sendeiros pedantes
Que fiquem por lá.

Em quanto os poetas, surgindo aos milheiros
E a terra inundando de versos mal feitos,
Pranteiam que a triste, terrível miséria
Procure dos vates sangrar nobres poitos;

Eu choro, pois julgo
Que iriam direitos
A' sorte ditosa,
Se, os versos deixando,
Fallassem em prosa.

Em quanto estes choram por graças; teteias,
Aquelles, linorios! suspiram por coco;
Em quanto estes choram por gloria futura,
De todos os choros de certo o mais louco;

Por tudo o que disse,
Não é brineadeira,
O pranto me vem!..
Por outras coisinhas
Eu choro tambem!..

Cinasto Lucio.

Pergunta.

Mãi e filho já não podem
Sobre as ondas se sustêr;
Mas se forem socorridos
Só um virá a morrer.

N'esta triste conjunctura,
Que o coração faz tremer,
Desejamos que nos digam:
Qual dos dous deve morrer?

E nós assim vamos já
Esta pergunta fazer,
Para que alguém nos responda
O que melhor entender;

Se um bom pai, um bom marido
Vir entre as ondas lutar
Sua mulher e seu filho:
Qual dos dous deve salvar?

J. F. da Cruz.

Anecdotas sobre Beranger.

Um dia vieram pedir a Beranger que escrevesse alguma cousa em um album; o poeta recusava os pedidos deste genero. Mas foi de tal sorte instado, que finalmente tomou o seu partido.

— Pois bem; seja! disse elle com um sorriso de maliciosa *bonhomia*, que trazia sempre nos labios, e escreveu no album:

Ha um Deus, ante o qual me inclino e adoro,
Fobre e contente, sem pedir-lhe usada...
Excepto uma só cousa:
E' que me livre de albums.

Um dia Beranger estava preso na *Force*, M. Viennet foi vê-lo.

— Então! disse-lhe, meu grande cancionero: quantas canções tendes feito desde que estaes preso?

— Absolutamente nenhuma, respondeu Beranger. Pensaes que uma canção faz-se como uma tragedia?

Ainda que Beranger cantasse tão bem a embriaguez, era de uma sobriedade de anachoreta. Um dia jantando em casa de Jacques Laffitte, uma dama testemunhou o seu espanto:

— Que! Sr. Beranger! vós, que contaes tão bem a embriaguez, não bebeis senão agua?

Que quereis, senhora: é a minha musa quem bebe o meu vinho.

Charadas.

Sou uma fructa da India,
E d'America tambem;
De um gosto saboroso,
Quando madura me têmem... 2
Parte uma bala ao meio
Que lá vós m'encontrareis... 1

Do Brasil eu sou um fructo,
O qual talvez não penseis.

A primeira com a segunda
Sirvo só para o descanso... 2
A terceira com a quarta
Sou animal, e não manso... 2

Bichinho
Espertinho.

As charada do n. antecedente é: *Perereca*.

ALBUNS DE MUSICA.

PAULA BRITO tem para vender quatro excellentes — Albums — bons para presente, por serem todos de pegos escolhidas e recommendados por uma pessoa entendida.

Preço de cada um, 60000.

POESIAS DE F. PALHA.

Nova edição, correcta e augmentada.
Vendem-se a 12000, na praça da Constituição,
n. 64, e na rua do Cano n. 44.

CHÁ
BOM E BARATO
NA
Loja de Paula Brito
N. 64
Praça da Constituição
onde tambem se vende
Letras e papel sellado
POR CONTA DO GOVERNO.

A MARMOTA

PUBLICA-SE NA

NOVA TYPOGRAPHIA

DE

PAULA BRITO

Aparece — regularmente — duas vezes por semana; assigna-se a 12000 por mez, ou a 50000 por seis mezes, pagos adiantados, contendo sempre uma boa variedade de artigos chistosos e interessantes.

44 RUA DO CANO 44

Typographias de Paula Brito
Rua do Cano n. 44 e praça da Constituição n. 64.